



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**GILKA COSTA DE LIMA**

**O FEIJÃOZINHO SURDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A  
DESMISTIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS, E DA CULTURA SURDA COMO  
MARCO CULTURAL E IDENTITÁRIO PARA O POVO SURDO**

**GUARABIRA  
2018**

**GILKA COSTA DE LIMA**

**O FEIJÃOZINHO SURDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A  
DESMISTIFICAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS, E DA CULTURA SURDA COMO  
MARCO CULTURAL E IDENTITÁRIO PARA O POVO SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Letras, sob a orientação da Professora Aline de Fátima da Silva Araújo, na Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Literatura, Identidade e Alteridade.

**Orientadora:** Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo.

**GUARABIRA  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732f Lima, Gilka Costa de.

O feijãozinho surdo e suas contribuições para a desmistificação da língua de sinais, e da cultura surda como marco cultural e identitário para o povo surdo [manuscrito] : / Gilka Costa de Lima. - 2018.

53 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Departamento de Educação - CH."

1. Literatura Surda. 2. Língua de Sinais. 3. Artefatos culturais do povo surdo.

21. ed. CDD 371.912

GILKA COSTA DE LIMA

O FELÃOZINHO SURDO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A DESMISTIFICAÇÃO  
DA LÍNGUA DE SINAIS, E DA CULTURA SURDA COMO MARCO CULTURAL E  
IDENTITÁRIO PARA O POVO SURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
no Curso de Licenciatura Plena em Letras, sob  
a orientação da Professora Aline de Fátima da  
Silva Araújo, na Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento aos requisitos  
necessários para obtenção do Grau de  
Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Literatura, Identidade  
e Alteridade.

Aprovada em: 05/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da S. Araújo  
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Debora Regina Fernandes Benício  
Prof. Me. Debora Regina Fernandes Benício  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neres J. Silva  
Prof. Dr. Rosângela Neres da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus todo poderoso e dono da minha vida.  
Ao meu esposo Danilo Eric de Araújo.  
Aos meus pais Geraldo Henrique e Maria Das Neves.  
Ao meu irmão Gustavo e as minhas irmãs Gislaine,  
Gerlane, Gerlene e Germana.  
A minha orientadora Aline de Fátima. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Senhor Jesus, digno de toda honra, glória e louvor, o responsável por eu chegar até aqui, o que me deu forças e discernimento para continuar nessa caminhada acadêmica, o percussor da minha fé, o dono do ar que respiro, o meu Deus altíssimo. Minha eterna gratidão.

Aos meus pais Geraldo Henrique e Maria Das Neves, que sempre foram a base da minha vida, meu espelho e referência de vida, que sempre me conduziram para os melhores caminhos, minhas inspirações e exemplo de amor verdadeiro, respeito e cuidado com o próximo, muito obrigada.

Ao meu esposo Danilo Eric por sempre estar ao meu lado, me ajudando, sendo companheiro e compreensivo nas horas em que não lhe dei a devida atenção por estar totalmente dedica a conclusão deste trabalho. Ao seu amor por mim e apoio nos momentos que mais precisei, a minha gratidão.

Ao meu irmão Gustavo, e minhas irmãs Gislaine, Gerlane, Gerlene e Germana, que são um dos maiores presentes que Deus pôde me presentear.

A minha orientadora Aline de Fátima, que é um exemplo e espelho de profissional e pessoa para mim, a responsável em fazer com que a turma de letras 2013.2 se apaixonasse pela Libras e pelo povo surdo. Não podendo deixar de agradecer suas importantíssimas orientações e sugestões para melhoria de minha pesquisa, pela sua dedicação e paciência. Agradeço.

Aos funcionários que compõem todo campus III, desde a direção, coordenadores, professores, vigias e as meninas da limpeza, todos esses de forma direta ou indiretamente fizeram parte desta minha jornada acadêmica.

Não podendo deixar de agradecer as minhas colegas de sala Ana Paula, Paula Graciely e Samara, que são o presente mais lindo que a universidade deu para toda minha vida. A estas colegas que com o passar do tempo se tornaram minhas amigas-irmãs, as grandes responsáveis por fazer com que os meus dias na UEPB fossem mais felizes, pois sem dúvidas dividimos muitas coisas juntas, alegrias e tristezas mais que tudo isso serviu para fortalecer esta amizade vinda dos céus ao nosso quarteto fantástico, meu muito obrigado.

“A história cultural dos surdos quase nunca nos é exposta, visto que tal fato seria uma ligação respeitável para a legitimação do modelo cultural do ser surdo. A história cultural está trazendo uma nova mudança na visão da história dos surdos.” (STROBEL, 2009, p. 88)

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo enfatizar importância que a Literatura surda suscita na vida do sujeito surdo, como também analisar, como a existência da mesma auxilia no desenvolvimento social e cultural da comunidade surda. A referida pesquisa possui um cunho de referência bibliográfica, de pesquisa exploratória e descritiva, onde dispõe de um caráter qualitativo, proporcionando melhor familiaridade com o assunto abordado. Dessa forma fundamentamos este estudo com base nas teorias de vários autores que abordam essa mesma temática, como: Fernandes (2003), Coelho (1987), Karnopp (2010), Strobel (2009), Quadros (2006) entre outros. Assim, como resultado obtidos percebemos que tanto a literatura surda como a língua de sinais são artefatos importantíssimos de representação da identidade e cultura surda. Resultando assim na conclusão, de que todos os aspectos que foram indagados e analisados nesta pesquisa enfatizaram a importância da literatura surda enquanto artefato cultural pertencente ao povo surdo.

**Palavras-chaves:** Literatura Surda. Língua de Sinais. Artefatos culturais do povo surdo

## **ABSTRACT**

This article aims to emphasize importance that deaf literature raises in the life of the deaf subject, as well as to analyze how its existence assists in the social and cultural development of the deaf community. This research has a bibliographic, exploratory and descriptive research, where it has a qualitative character, providing a better familiarity with the subject addressed. So, we base this study based on the theories of several authors that approach the same subject, such as: Fernandes (2003), Coelho (1987), Karnopp (2010), Strobel (2009), Quadros (2006) among others. Thus, as a result we perceive that both deaf literature and sign language are very important artifacts of representing identity and deaf culture. This results in the conclusion that all the aspects that were investigated and analyzed in this research emphasized the importance of deaf literature as a cultural artifact belonging to the deaf people.

**Keywords:** Deaf Literature. Sign language. Cultural artifacts of the deaf people

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Algumas adaptações dos clássicos literários.....	15
Figura 2 – Alguns clássicos da literatura universal .....	15
Figura 3 – Algumas histórias literárias criadas especialmente para o surdo .....	16
Figura 4 – Alguns pronomes em Libras .....	20
Figura 5 – Exemplo sing writing (alfabeto).....	22
Figura 6 – Exemplo sing writing escrita à mão .....	23
Figura 7 – Exemplo da sing writing na modalidade digital .....	23
Figura 8 – Imagem do livro o feijãozinho surdo .....	28

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	13
3	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
3.1	LITERATURA SURDA .....	14
3.2	LIBRAS QUE LÍNGUA É ESSA? .....	17
3.3	AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA PESSOA SURDA .....	19
3.3.1	<b>Breves aspectos acerca do processo de criação da escrita sing Writing</b> .....	22
3.4	OS ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO .....	24
4	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	28
5	<b>CONCLUSÃO</b> .....	36
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37
	<b>ANEXO A – HISTÓRIA DO FEIJÃOZINHO SURDO</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos a Literatura é usada como um grande instrumento responsável por exprimir tudo àquilo que o ser humano deseja expelir para fora, suas ideias, sentimentos e pensamentos. Sem dúvidas, na atualidade a mesma acarreta um valor bem mais significativo e indispensável na vida de todos: ouvintes e surdos, sem fazer o uso de exceção alguma. Pois é através da Literatura que o indivíduo pode expressar o mundo por intermédio da linguagem.

Assim como foi enfatizado que a Literatura é importante na vida de todos sem exceções, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) assim como outra qualquer língua, também possui uma literatura própria, chamada de Literatura surda ou visual. A mesma é totalmente escrita e dedicada aos surdos em sua língua materna, sendo também apresentada na versão escrita por meio da Sing Writing (Escrita em sinais).

Cabe salientar que a Literatura Surda na versão escrita Sing Writing, representa um marco histórico para a comunidade surda, pois é através da leitura que esta comunidade obterá uma visão de mundo, no qual reunirá diversos aspectos tais como: conceitos, experiências, realidades, ideias, opiniões, perguntas e respostas. Assim a Literatura abrirá novos caminhos, novas visões, preparando-os ainda mais para as relações sociais, visto que a Literatura tem o poder de esculpir o indivíduo.

*A literatura é, sem dúvidas, uma das expressões mais significativas dessa ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as épocas. Ânsia permanente latente nas narrativas populares legadas pelo passado remoto. (...) Todas essas formas de narrar pertencem ao caudal de narrativas nascidas entre povos da Antiguidade, que, fundidas, confundidas, transformadas... se espalharam por toda parte e pertencem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo. (COELHO, 1987, p. 10)*

Por essa razão, vale ressaltar que a Literatura tem esse poder de transformação na vida de qualquer indivíduo, todos, sem distinção devem ter o acesso a mesma. Assim reforçando o que já foi indagado acima, a Literatura surda tem um significado de valor inestimável para a cultura surda.

Dessa forma é de extremo valor, estudos, e análises direcionadas a tecer a respeito da Língua de Sinais, a principal Língua dos surdos, no qual vale ressaltar que os mesmos vivem inseridos em uma sociedade cuja a língua majoritária é a oral. Assim, como também é importante tecer sobre a Literatura surda, e a relevância que a mesma acarreta dentro da comunidade surda.

A escolha de conceber um estudo e análise desse porte surgiu enquanto cursávamos a disciplina de Libras, no curso de licenciatura plena em Letras-português, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), disciplina esta, que despertou em nós um profundo respeito e admiração pela comunidade surda, fazendo com que quiséssemos estudar e conhecer mais a Libras, como também sua literatura e cultura.

Outro ponto que nos impulsionou a escolha desse estudo deu-se junto à compreensão que esta pesquisa direcionada a Libras, literatura surda e a cultura dos surdos, seria excepcional tanto para o mundo acadêmico, devido a escassez de trabalhos científicos conduzidos a este assunto tão pertinente e ainda tão pouco articulado. Assim como também para a comunidade surda no sentido de proporcionar uma visibilidade e reconhecimento maior a respeito de sua identidade e cultura dentre os aspectos linguísticos, literários, políticos e familiar.

Cabe ressaltar que os ouvintes sempre tiveram o privilégio de expor seus pensamentos, ideias, costumes, culturas. Privilégio este, que agora a classe surda também dispõe, podendo assim, expor ainda mais sua cultura, costumes, por intermédio de sua literatura, língua e escrita. Então, por que a Língua de Sinais assim como também a Literatura surda tem uma significância enorme para a comunidade surda?

Desse modo, o objetivo geral dessa pesquisa é esquadrihar a importância que a Literatura surda suscita na vida do sujeito surdo, assim como analisar como a existência da mesma auxilia no desenvolvimento social e cultural da comunidade surda. Diante disso, temos também alguns objetivos específicos, que são eles:

- a) Averiguar como a Literatura surda transformou e continua transformando a vida do surdo;
- b) Expor alguns aspectos culturais da comunidade surda no sentido linguístico, político, literário e familiar, através da análise dos artefatos culturais do povo surdo;
- c) Apresentar ao leitor e fazê-lo conhecer um pouco mais e se deslumbrar com essa esplendorosa e fantástica Libras e sua Literatura Surda.

Dessa forma, para florescer esta pesquisa, como metodologia fizemos uso de uma referência bibliográfica, onde foi preciso mergulhar no mundo dos livros, e assim analisar, fisgar e colher conhecimentos para depois mastiga-los no intuito de absorver tudo o aquilo que fora estudado, e desse modo conseqüentemente poder adquirir algumas respostas em meio a tantas perguntas.

Diante disto, nosso trabalho foi dividido em 6 capítulos, cujo o primeiro capítulo está denominado com a “Introdução”, veremos nele um resumo da temática de todo corpo dissertativo e analítico.

No segundo capítulo destinado a “Literatura Surda”, iremos nos deparar com a importância que a mesma tem dentro da comunidade surda, um pouco da sua história, algumas adaptações, traduções e criações de histórias surdas.

No capítulo “Libras, que língua é essa?”, serão expostas como foi dado o surgimento desta língua, sua história, como surgiu.

No quarto capítulo “Aquisição da língua de sinais na pessoa surda”, contemplará os estágios da aquisição da língua, e a importância da pessoa surda ter o contato com a mesma desde os primeiros anos de idade. Também ainda neste capítulo teremos um subcapítulo destinado aos “Breves aspectos acerca do processo de criação da escrita Sign Writing”.

No quinto capítulo “Os artefatos culturais do povo surdo”, iremos conhecer um pouco da cultura surda nos aspectos políticos, familiar, linguístico, literários entre outros aspectos. Assim como também veremos a diferença entre comunidade surda e povo surdo.

O quinto capítulo será destinado a análise, os resultados e discussões desta pesquisa. E por fim no último capítulo trago a “Conclusão”, no qual relato minhas constatações na elaboração desta pesquisa tão enriquecedora, mas também muito significativa.

## 2 METODOLOGIA

Diante dos objetivos desta monografia os quais já foram citados no capítulo que antecedeu, esta pesquisa possui o cunho de referência bibliográfica, de pesquisa exploratória e descritiva, cujo dispõe de um caráter qualitativo, de acordo com Gil (2008) uma pesquisa exploratória, propicia maior familiaridade com o assunto explorado (explicitá-lo). Podendo envolver referências bibliográficas, ou entrevistas com indivíduos experientes no tema pesquisado, ou seja, no resultado final desta pesquisa exploratória obteremos mais informações acerca do assunto explorado, e conseqüentemente poderemos construir hipóteses.

Dessa forma, para o levantamento das informações coletadas, foi feito a partir de uma pesquisa e análise de referência bibliográfica acerca da obra “O Feijãozinho Surdo” com base na fundamentação teórica de alguns autores, como: Strobel (2009), Quadros (2010), Coelho (1987), entre outros. No qual ainda traremos alguns aspectos relevantes sobre a literatura surda, língua de sinais, aquisição da língua, os artefatos culturais do povo surdo entre outros aspectos que englobam essa mesma temática.

Tendo como público alvo (sujeito da pesquisa) a pessoa surda, as comunidades surdas, no propósito de proporcionar uma visibilidade e protagonismo ainda maior acerca da cultura surda e suas particularidades. Assim como também temos o intuito de atingir a academia científica objetivando causar a desmistificação acerca da temática abordada e explanada nesta pesquisa.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No discurrir fundamentação teórica, analisaremos diversos aspectos referentes aos seguintes assuntos: Literatura Surda, Libras, que língua é essa?, Aquisição da língua de sinais na pessoa surda, Breves aspectos acerca do processo de criação da escrita Sing Writing, Os artefatos culturais do povo surdo, a Análise “os resultados e discussões desta pesquisa” e por ultimo a Conclusão.

#### 3.1 LITERATURA SURDA

Nos últimos anos no Brasil pesquisas direcionadas acerca da literatura surda vêm ganhando certo destaque visto à tamanha importância que a mesma tem para a comunidade surda, tanto no desenvolvimento social e educativo, assim como na vida cultural dos surdos. Mas o que seria então Literatura surda?

Desde os tempos mais longínquos a literatura sempre esteve presente na vida dos surdos, pois os mesmo sempre tiveram o costume de relatar suas histórias, experiências, piadas etc, por intermédio da sua língua materna, a Libras. Dessa forma, podemos indagar que a Literatura surda são histórias contadas pelos surdos e que são repassadas de geração a geração. Porém não pensemos que a literatura surda acaba por aí, pois, também podemos classificar como literatura surda, os textos da literatura universal, que foram adaptados e traduzidos para os surdos, no qual podemos encontrá-los em formas de contos, anedotas, piadas, fábulas, lendas entre outros. A respeito dos textos Literários em sinais, Karnopp afirma que:

É a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2010, p.161)

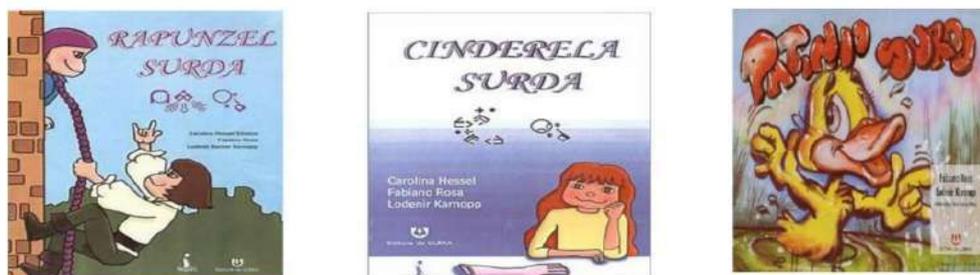
Desse modo, devido às mais variadas tecnologias da contemporaneidade, essas histórias da literatura universal, adaptações e traduções para os surdos podem ser encontradas através de CDS, DVDS, sites, blogs etc, porém além das produções em vídeos, as histórias surdas também podem ser registradas e escritas em Libras, por intermédio da (Sing Writing). Assim de acordo com Morgado: “a Literatura Surda não tem que ser contada exclusivamente em língua de sinais, pode ser escrita, desde que o tema seja sobre surdos” (2011, p. 21). Dessa

forma, os textos e histórias que manifestem a cultura surda serão registrados e circulados por diferentes espaços e por todos os tempos.

Pois, o livro é um instrumento de grande magnitude na vida educacional e cultural da pessoa surda, assim como é para o ouvinte. Mediante a importância que a literatura tem no processo social dentro da classe surda, inúmeras histórias foram criadas, traduzidas e adaptadas no intuito de propiciar aos surdos a terem também o privilégio de ler histórias nas quais os mesmos possam se identificar e que assim essas histórias os conduzam a mergulhar no mundo mágico do lúdico.

Histórias estas, das quais listaremos somente algumas delas: (adaptações dos clássicos literários) Rapunzel surda (2003), Patinho surdo (2005), Cinderela surda (2003), entre outros. (clássicos da literatura universal que foram traduzidos): Pinóquio (2003), Os três porquinhos, Chapeuzinho vermelho, entre outros. Agora citaremos algumas histórias criadas especialmente para o público surdo, que são elas: Tibi e Joca (2001), Mamadu, o herói surdo (2007), Sou asas (2009), Luanda Lua (2012), Feijãozinho surdo (2009) entre outros. (Ver figuras 1, 2 e 3)

**FIGURA 1: ALGUMAS ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS.**



Fonte: Mourão (2011).

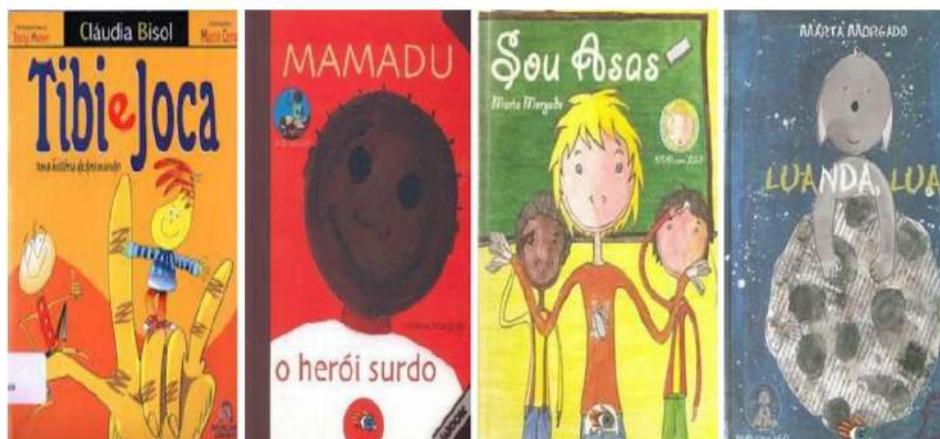
**FIGURA 2: ALGUNS CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL.**



Fonte: Revista Ciencidade Ciberpub (<http://www.ciberpub.com.br/ciberpub/genero-digital-a-literatura-surda-em-questao/>); Portal Ensinar a aprender (<http://ensinar-aprender.com.br/2011/05/historia-dos-3-porquinhos-em->

[libras.html](#)); Blog Portfólio de aprendizagens Letícia Friedrich (<http://blogdaleticiafriedrich.blogspot.com.br/2016/06/chapeuzinho-vermelho.html>).

**FIGURA 3: ALGUMAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS CRIADAS ESPECIALMENTE PARA O SURDO.**



Fonte: Karnopp (2008).

Todas estas histórias literárias ilustradas acima, sendo adaptadas, criadas ou traduzidas, foram produzidas com muito carinho pelos autores, histórias estas, que fazem parte da realidade de vida, identidade e experiências dos surdos. Assim os criadores destas histórias não economizam nos detalhes em suas obras, dispondo de ricas ilustrações, sinalizações, assim como também o cuidado de produzir obras bilíngues escritas tanto em português e especialmente na língua de sinais escrita, Sing Writing. São esses detalhes especiais que fizeram e fazem toda diferença no processo cultural literário dos surdos.

Cabe salientar que estas obras literárias também tem um papel fundamental dentro das escolas de surdos, no sentido de proporcionar ao surdo em seu ambiente escolar o contato com histórias e as identidades surdas, fazendo com que o mesmo possa se identificar com os personagens em determinadas situações, conforme ressaltado por Karnopp:

A literatura surda está presente na comunidade surda e é socialmente relevante o registro dessas histórias, pois pode proporcionar, principalmente às escolas, um material baseado na cultura das pessoas surdas. (KARNOPP, 2006, p.107)

Pois a literatura surda tem essa função de levar histórias comuns, que aproxime experiências do leitor surdo com as experiências dos personagens surdos em variadas

situações. E sem dúvida vale ressaltar que essa aproximação da realidade surda com a ficção surda é muito benéfica para o processo cultural e social da comunidade surda.

A literatura surda como já foi citado tem um papel fundamental nas escolas de surdos, porém não é somente nas escolas de surdos que a mesma exerce um papel tão importante, pois a literatura surda também representa dentro das escolas regular o mesmo valor, no sentido de proporcionar ao sujeito ouvinte o contato e o respeito pela cultura e literatura surda, assim como também proporciona aos ouvintes a aprender a língua de sinais “sua segunda língua” por meio da literatura.

Com tudo que já foi indagado, articulado acerca da literatura surda, não resta dúvidas sobre a importância que a mesma tem para nossa sociedade. Pois vimos que desde os tempos passados a literatura surda sempre se fez presente, mudando e transformando vidas de surdos e ouvintes ao longo dos tempos, seja pela literatura surda sinalizada passada de geração em geração, seja através da literatura escrita dentro das escolas ou fora delas. Diante disto, podemos afirmar que a literatura tem sim o poder de esculpir todos os sujeitos, seja surdo ou ouvinte.

### 3.2 LIBRAS QUE LÍNGUA É ESSA?

A *LIBRAS* é a sigla da Língua Brasileira de Sinais, originada pela mistura da língua de sinais antiga existente aqui com a língua de sinais francesa trazida por um professor surdo. Hoje utilizada e empregada pelos surdos espalhados por todas as regiões brasileiras. Assim a Libras é uma língua natural utilizada pelos surdos desde o Instituto dos surdos fundado em meados dos anos 1857, hoje intitulado como Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES). Sendo que foi somente após vários movimentos, que perduraram por anos que a Libras foi finalmente oficializada e reconhecida em 2002 pela Lei nº 10.436 como a língua oficial do surdo brasileiro, representando assim um marco e uma das maiores conquistas para a comunidade surda.

Assim como algumas línguas a Libras não é uma língua universal, ou seja, a mesma é a língua de sinais aqui do Brasil, o que implica que cada país tem a sua própria língua de sinais, e respectivamente com sua gramática específica. Pois cabe salientar que assim como todas as línguas naturais, a Libras comporta categorias linguísticas como: sintaxe, semântica, morfologia e fonologia, e do mesmo modo que toda língua oral existe as palavras, a língua de

sinais também comporta elementos lexicais que são chamados de sinais, dessa forma a classificamos como uma língua sendo de modalidade visual/espacial.

Como já indagamos, a Libras é uma língua igual às outras em sua especificidade. A referida língua como qualquer outra língua possui as “variações” que podem ser regional, linguística ou histórica. Essas variações são constituídas pelas mudanças que ocorrem na configuração das mãos, nas expressões faciais e corporais, ponto de articulação, orientação e direção, movimento e nos sinais, pois lembrando que estamos tratando de uma língua de modalidade visual/espacial.

Dessa forma, mediante as complexidades desta língua e sua significância, a Libras foi reconhecida pelo Governo Federal como o meio oficial de comunicação social da comunidade surda, permitindo assim a inclusão da Libras nos setores públicos. Sendo assim, os sistemas educacionais municipais e estaduais adquiriram a inclusão do ensino de Libras nos cursos de formação em Educação Especial e magistério em suas matrizes curriculares pedagógicas.

[...] o poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos difundam a Libras como meio de comunicação objetiva de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Além disso, inclui o ensino da Libras nos sistemas educacionais de esfera federal, estadual, municipal e do Distrito Federal nos cursos de formação em Educação Especial, Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). (BARBOSA, 2011, p. 178)

O que resultou na expansão desta forma de comunicação, quebrando com a exclusão social que a classe surda vem sofrendo há anos e propiciando aos surdos a educação por direito. Conforme Fernandes ressalta:

Cabe-nos ressaltar que atender às necessidades naturais e preservar os direitos do indivíduo são atitudes complementares em qualquer meio de educação. A língua oral-auditiva, que serve como meio de comunicação da comunidade ouvinte, deve ser aprendida como segunda língua, já preservado o domínio da língua de sinais que garante, em curto prazo, não só um meio de comunicação eficaz, mas, também, o instrumento de desenvolvimento dos processos cognitivos. (FERNANDES, 2003, p. 31).

Assim, é importante conhecermos um pouco sobre as particularidades da educação dos surdos por intermédio da inclusão da Libras. O estudo e a educação dos surdos se desenvolvem em dois aspectos: a língua escrita parcial com a oral majoritária e a língua de sinais local. Este ensino bilíngue é muito importante no processo de desenvolvimento e inclusão social do surdo, devido a proporcionar ao surdo o contato com as duas línguas, a Libras que é sua língua materna e a língua portuguesa que é sua segunda língua na

modalidade escrita e a majoritária no país em que vive, propiciando assim o surdo bilíngue tendo o controle equilibrado entre os dois idiomas.

Decorrente a esses fatores, vimos as peculiaridades e complexidades da Língua Brasileira de Sinais, a *LIBRAS*, e assim respectivamente percebemos que se trata de uma língua tão completa em suas especificidades em todos os aspectos: linguísticos, gramaticais, histórico, e culturais. É tão importante como todas as outras línguas naturais, no sentido de representar todo um povo surdo, e a história da comunidade surda. O reconhecimento e oficialização desta língua representou um dos maiores triunfos do povo surdo depois de incessantes lutas.

### 3.3 AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS NA PESSOA SURDA

Após conhecermos um pouco da Libras e suas peculiaridades, é de grande significância conhecermos o processo de aquisição da língua de sinais e seus estágios. A primeira fase (estágio de um sinal) da aquisição da língua se dá quando os surdos ainda são bebês, através da interação com os pais nas atividades diárias, a criança surda começa a querer produzir algum tipo de sinal, por volta dos 12 meses indo até os 2 anos de idade nesse processo de reprodução de um sinal, esta fase inicial se assemelha bastante com o balbúcio da criança ouvinte. De acordo com Quadros 2011, a criança obtém a linguagem através da interação com as pessoas em sua volta, ouvindo ou observando a língua ou as línguas, que estão sendo utilizadas. Embora a linguagem circunda procedimentos mais complexos, a criança “sai sinalizando” ou “falando”, basta somente a criança estar inserida em ambiente que a propicie oportunidades de usar a língua.

No segundo estágio (algumas combinações de sinais), a criança surda a partir dos 2 anos até os 3 anos de idade começa a formar algumas palavras unindo o sinal aos objetos, como também começa a reproduzir alguns pronomes de forma consciente, e também sinalizar com a cabeça para negar ou afirmar algo. Pois de acordo com Quadros: “Nesse período, também é verificado o início do uso da negação não manual através do movimento da cabeça para negar, bem como o uso de marcação não manual para confirmar expressões comuns na produção do adulto.” (2006, p. 20)

Mas cabe salientar que como toda criança ouvinte nesta fase ainda troca algumas letras ao pronunciar uma determinada palavra, a criança surda também erra alguns sinais ao produzi-los, por exemplo, o erro pode ser encontrado na configuração das mãos ou no ponto

de articulação, mais não afetando a compreensão dos adultos a entender que a criança tentou reproduzir um sinal na língua. (Ver figura 4)

**FIGURA 4: ALGUNS PRONOMES EM LIBRAS.**



Fonte: Portal Libras Poços de Caldas (<http://libraspocosdecaldas.blogspot.com.br/2016/12/pronomes.html>)

No terceiro estágio (múltiplas combinações), que tem início por volta dos 3 anos de idade por diante, a criança surda passa da fase de produção de alguns sinais, para produção de múltiplos sinais, dando início ao processo de sintaxes. Ou seja, a criança surda começa inserir a aquisição de sistemas morfológicos mais complexos da língua de sinais. Por exemplo, produz frases curtas e sentenças, identifica coisa em figuras ou livros, sabe dizer onde as pessoas estão indo ou voltando, identifica pessoas ou objetos de acordo com suas características.

Por volta dos três anos de idade, as crianças tentam usar configurações mais complexas para a produção de sinais, mas frequentemente tais tentativas acabam sendo expressas através de configurações de mãos mais simples (processos de substituição). Os movimentos característicos dos sinais continuam sendo simplificados, embora já se observe o uso da direção dos movimentos com êxito em alguns contextos. (QUADROS, 2006, p. 21)

É desse estágio em diante que a criança surda desenvolve todos os processos de aquisição da língua, pois, ao ser inserida na escola, a criança surda em interação com as pessoas aprimora sua sinalização e vivencia elas. Claro que é preciso que esta criança surda seja acompanhada por um mediador que explore as competências linguísticas, dessa forma ajudando-a em seu desenvolvimento interacional comunicativo. Conforme Salomão e Borges enfatizam:

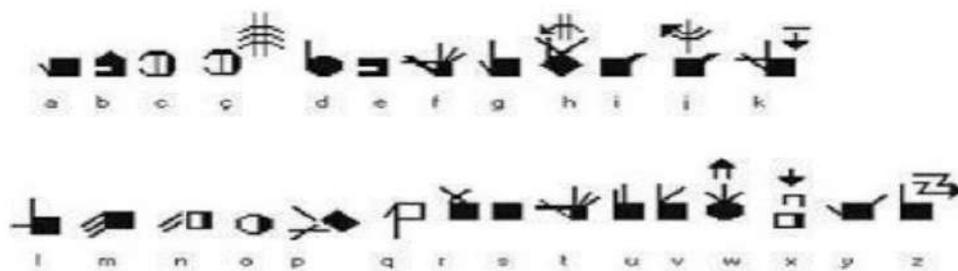
A medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças. (SALOMÃO; BORGES, 2003, p.327)

Cabe ressaltar que é de grandiosa importância a criança surda estar sempre inserida em ambientes que a comunicação esteja fundamentada em sua língua materna, a de sinais, sendo primordial para seu desenvolvimento e processo de aquisição da língua, pois de acordo com Pereira: “o surdo não precisa de aulas de Libras e sim de conviver com indivíduos surdos que tenham fluência nessa língua” (2008, p. 8). Por isso, é conveniente que os familiares sempre busquem meios para que essa criança possa aderir a língua de sinais, seja com o contato direto com comunidades surdas, ou com pessoas pertencentes a comunidade surda, e principalmente com a inclusão desta criança surda em escolas bilíngues, onde terá um professor formado e capacitado em Libras dando aula na língua de sinais, além do professor de língua portuguesa.

A escola torna-se, portanto, um espaço linguístico fundamental, pois, normalmente é o primeiro espaço que a criança surda entra em contato com a língua brasileira de sinais. Por meio da língua de sinais, a criança vai adquirir a linguagem. Isso significa que ela estará concebendo um mundo novo usando uma língua que é percebida e significada ao longo do seu processo. Todo esse processo possibilita a significação por meio da escrita que pode ser na própria língua de sinais, bem como, no português. (QUADROS, 2006, p. 22-23)

A escola é uma das principais mediadoras da aquisição da língua de sinais, e se tratando de uma escola bilíngue proporcionará ainda ao o aluno surdo a aquisição das duas línguas: a Libras, “sua primeira língua”, como também o surdo terá em seu ambiente escolar o contato e aquisição com sua segunda língua “a língua portuguesa” sendo na modalidade escrita.

Sendo que, cabe salientar que algumas escolas de surdos já aderiram a Sing Writing (escrita em sinais), podendo assim os alunos surdos adquirir o domínio e aquisição da escrita própria dos surdos dentro do ambiente escolar. Como cabe ainda a ressalva que existem também as obras bilíngues, que possuem tanto a língua portuguesa escrita, como sinalizações e a escrita Sing Writing. Vejamos um exemplo da escrita de sinais:

**FIGURA 5: EXEMPLO SING WRITING (ALFABETO)**

Fonte: Portal Arco ([http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id\\_Noticia=371](http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id_Noticia=371))

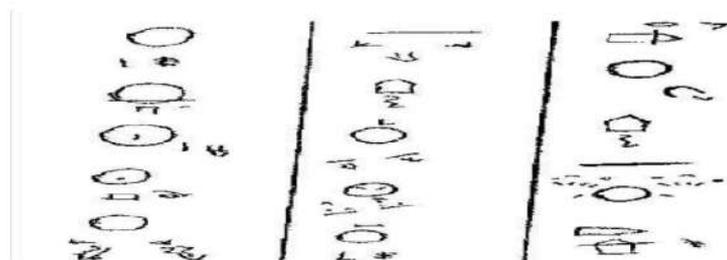
Com tudo que já foi salientados acerca da importância da aquisição da língua de sinais, desde o primeiro estágio em que a criança passa a desenvolver algum sinal em Libras, até os próximos estágios nos quais a pessoa surda só vai aprimorando a língua e suas complexidades, vimos que é de extrema relevância que essa aquisição da língua aconteça desde os primeiros passos da criança surda, pois quanto mais cedo o indivíduo surdo tiver contato com a língua de sinais melhor será seu processo de adesão da língua

### 3.3.1 Breves aspectos acerca do processo de criação da escrita “Sing Writing”

A Sing Writing surgiu na década de 70 de forma bem inesperada, através do “DanceWriting”, que foi um sistema de escrita criado por uma dançarina norte-americana Valerie Sutton no intuito de ensinar os movimentos e pontos de articulação dos passos de balé pelo sistema da escrita, a partir desse sistema que começou o processo de desenvolvimento da escrita de sinais. A dançarina norte-americana com sua escrita criativa começou a chamar atenção dos estudiosos da língua de sinais da Universidade Copenhague na Dinamarca, onde também a dançarina trabalhava, conforme Klimsa, Sampaio e Klimsa enfatizam:

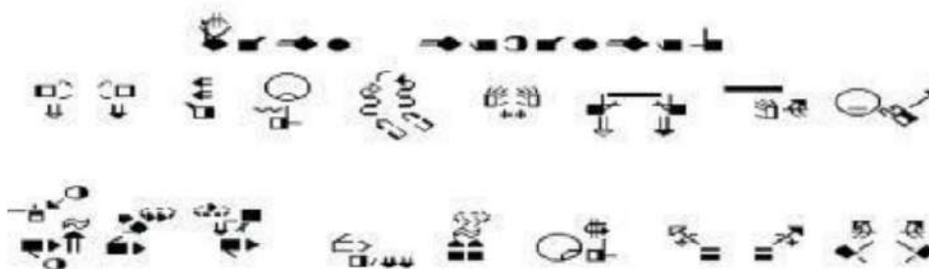
O *SignWriting* foi criado em 1974 por Valerie Sutton. No início, ela criou um sistema para escrever danças, para notar os movimentos de dança, o que despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. Foi registrada, em Dinamarca, a primeira página de uma longa história: a criação de um sistema de escrits de línguas de sinais. (KLIMSA; SAMPAIO; KLIMSA, 2006, p.267)

Assim, os pesquisadores da língua viram no sistema DanceWriting, a escrita que poderia grafar os sinais utilizados na comunicação dos usuários da língua de sinais. Então a partir desse momento surgia na Dinamarca os primeiros movimentos para redigir a escrita desta língua visual. (Ver figura 6)

**FIGURA 6: EXEMPLO SING WRITING ESCRITA À MÃO.**

Fonte: Costa (2018).

Com desenvolvimento do sistema Sutton, que até então era um sistema só escrito a mão, viram a possibilidade de desenvolver esse sistema no computador, com o programa SingWriting, produzido através dos movimentos do sistema Sutton para a escrita da língua de sinais agora sendo na modalidade digital. Através deste programa foi possível a criação de diversos materiais digitais e impressos que apresente em seus textos e escrita de sinais, um exemplo de matérias impressas, são as obras literárias citadas no capítulo “Literatura Surda” deste documento, são obras que possuem tanto a escrita padrão como a Sing Writing. Facilitando assim, ainda mais o acesso desta escrita. (Ver figura 7)

**FIGURA 7: EXEMPLO DA SING WRITING NA MODALIDADE DIGITAL.**

Fonte: Soares Dallan, (2009) – Hino Nacional Brasileiro na escrita de sinais

Assim logo que surgiu a Sing Writing cada pessoa escrevia de sua forma, imediatamente foram surgindo vários sinais com o mesmo significado, mas com diferentes grafias, pois não havia ainda uma forma de padronização da escrita, cada indivíduo escrevia um sinal como entendia. Mediante a isto, segundo Klimsa (2002), atualmente estão sendo discutidas possibilidades de haver uma padronização da escrita para um mesmo sinal.

No Brasil, a Sing Writing chega por volta dos anos 1996, por intermédio do professor e doutor Antônio Carlos da Rocha Costa, docente na Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que descobre a contingência do uso da escrita de sinais junto ao computador. Assim o mesmo elabora um grupo de pesquisa juntamente com duas professoras Marianne Stumpf e Márcia Borba para investigar mais a fundo o uso da escrita de sinais na modalidade digital. De acordo com Klimsa e Klimsa (2006):

O SignWriting entrou no Brasil em 1996, com a descoberta de novas possibilidades de uso desta escrita junto ao computador pelo professor Doutor Antônio Carlos da Rocha Costa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Seu trabalho de pesquisa foi desenvolvido juntamente com as professoras Márcia Borba e Marianne Stumpf, esta na época Doutoranda em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (2006, p. 05).

Assim, com a chegada da Sing Writing no Brasil, escritores surdos ou fluentes na área de Libras puderam produzir obras bilíngues cujo as mesmas possuem textos escritos na língua portuguesa, como na escrita de sinais, a Sing Writing, proporcionando dessa forma a comunidade surda o acesso e aquisição da escrita de sinais, representando assim, com um importantíssimo e fundamental artefato cultural para os surdos e suas comunidades.

#### 3.4 ARTEFATOS CULTURAIS DO POVO SURDO.

Nos últimos anos, os estudos direcionados a pesquisas sobre os surdos e a cultura surda propiciaram um novo olhar sobre a surdez. Os surdos hoje são entendidos como um povo, uma comunidade, um grupo de pessoas que possuem identidade própria, evidenciados por características próprias que sublinham suas diferenças. E longe de serem pensados como indivíduos apontados por alguma deficiência a procura de cura. Essa concepção veremos enfatizada nitidamente no livro *As imagens do outro sobre a cultura surda* da escritora surda e pedagoga Karin Strobel (2009). A autora tece conceitos sobre a cultura surda, comunidade surda e os artefatos culturais do povo surdo. Assim miremos sob o olhar de Strobel acerca da cultura surda, povo surdo e comunidade surda, uma vez que a mesma por ser uma escritora surda possa representar brilhantemente o povo surdo e suas particularidades.

Então para melhor compreensão é importante primeiramente entendermos o que seria artefatos culturais. Conforme diversos escritores e pesquisadores no campo de Estudos Culturais, os artefatos culturais não estão apenas associados ao materialismo cultural, ou seja, materiais ou objetos elaborados por grupos culturais. Artefatos culturais são o que a cultura

transmite de produções de indivíduos que tem já uma identidade fixa, tendo sua própria maneira de entender, sentir, ver e transformar o mundo. Pois de acordo com Strobel:

Segundo constatamos em diversos autores nos campos dos Estudos Culturais, o conceito "artefatos" não se referem apenas a materialismos culturais, mas aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (2009, p. 37)

Assim, vale salientar que os surdos possuem uma cultura própria que vai em contradição com os pensamentos da maioria dos ouvintes que acham que os surdos vivem isolados e incomunicáveis, o que é um pensamento totalmente errôneo, simplesmente os surdos possuem uma cultura diferente a dos ouvintes. Segundo a escritora Strobel (2009), a cultura surda é caracterizada pela concepção que os surdos têm de mundo e de transformá-lo, ajustando-o de acordo com suas concepções visuais. Contribuindo assim para a formação da identidade surda das comunidades surdas, abrangendo a língua, hábitos, ideias, crenças, e costumes do povo surdo.

Mas então o que seria comunidade surda ou povo surdo? Conheceremos então as diferenças básicas e de supra importância entre o povo surdo e comunidade surda. Para tanto, é importante primeiramente entendermos o significado das palavras “povo e comunidade”. Assim, de acordo com dicionário Aurélio, a palavra comunidade significa “[...] O conjunto das populações animais e vegetais que coexistem numa mesma região” (2001, p.180). Ainda segundo dicionário Aurélio, o termo “povo” significa “[...] Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, uma história e tradições comuns” (2001, p. 586). Ou seja, se pegarmos os dois significados e juntarmos, os mesmos resumem-se em indivíduos que partilham do mesmo legado cultural, possuem interesses comuns, costumes ou falam a mesma língua. Então o que seria comunidade surda? Segundo os autores Padden e Humpries *apud* Strobel:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar. (PADDEN; PADDEN *apud* STROBEL, 2009, p. 30)

Dessa forma, no intuito de simplificar o significado de comunidade surda podemos dizer que comunidades surdas são todos os sujeitos que partilham e lutam pelos mesmos interesses dos surdos, no qual podemos classificar os intérpretes, professores da língua de

sinais, familiares de surdos e os próprios surdos, pois todos esses sujeitos estão inseridos no mesmo patamar cultural.

Assim, após sabermos o que é comunidade surda, é importante sabermos também o que seria “povo surdo”. Segundo Strobel (2009), quando citamos “povo surdo” estamos relacionando todos os sujeitos surdos existentes e espalhados pelo mundo, que não precisamente moram no mesmo local, mas que dividem suas origens ligadas por código ético de formação visual, independentemente de seus graus linguísticos em relação à evolução da aquisição da língua de sinais, ou da cultura surda. Ou seja, o povo surdo pode ser os surdos que são moradores de zonas rurais ou urbanas, pertencentes da mesma comunidade surda ou de nenhuma comunidade, pode ser os surdos gays, surdos índios, surdos sinalizados entre outros. Mas, o que é importante ressaltar é que todos esses sujeitos surdos tem em comum a construção do conceito de mundo por intermédio do artefato cultural visual.

Além do artefato cultural visual ou experiência visual, a cultura surda é caracterizada por outros sete artefatos culturais, que são eles: Artefato cultural linguístico, Artefato cultural familiar, Artefato cultural literatura surda, Artefato cultural vida social e esportiva, Artefato culturais artes visuais, Artefato cultural política e Artefato cultural materiais. Todos estes artefatos culturais são de suma importância, pois os mesmos são o que compõem e caracterizam a identidade e cultura surda. Dessa forma, conheceremos agora como funcionam esses artefatos dentro da cultura surda de uma forma pincelada, pois teremos um aprofundamento maior em relação a alguns destes artefatos apenas na análise desta pesquisa.

O Artefato cultural experiência visual, está relacionado com a maneira com que os surdos veem o mundo e interpretam conforme sua subjetividade, como: de onde vieram, o que são e qual é sua identidade. Com ausência da audição os surdos compreendem o mundo e as coisas e tudo o que está em sua volta através de seus olhos, então todas suas concepções estão intimamente relacionadas com suas experiências visuais.

O Artefato cultural linguístico é caracterizado pela importância que tem à aquisição da língua de sinais para a comunidade surda, porém também podemos incluir os sinais caseiros e os sinais emergentes, ou seja, o artefato cultural linguístico envolve todos meios de comunicação utilizados pelos surdos, seja pela aquisição da língua ou pelo gestos/sinalizações.

No artefato cultural familiar veremos a importância que tem para uma família surda gerar uma criança surda, pois para as famílias surdas terem um bebê surdo é uma dádiva e motivo grande de satisfação, ao contrário das famílias ouvintes que neste caso veem essa criança surda como um problema alimentando esperanças de cura. No entanto veremos também neste artefato a importância da criança surda estar inserida dentro de comunidades surdas e aderindo aquisição da Libras.

O artefato cultural literatura surda traz as experiências e histórias vividas pelos surdos que são passadas de geração em geração. Podendo ser caracterizada por diferentes gêneros literários como: piadas, contos, anedotas, literatura infantil, clássicos, lendas, fábulas entre outras manifestações culturais que representem a identidade surda.

O artefato cultural vida social e esportiva é caracterizada pelas atividades culturais entre surdo como: festas, lazer, casamento entre surdos, assim como atividades em associações de surdos como eventos esportivos.

Já no artefato cultural artes visuais, veremos que a maioria dos surdos usam as artes para expressar suas histórias, emoções, revoltas pelas discriminações sofridas e sua cultura. Seja, através de peças teatrais, pinturas, desenhos e qualquer outra manifestação artística, os surdos as usam como uma representatividade de seu povo.

O artefato cultural política enfatiza toda a constante luta dos líderes surdos pelos seus direitos perante uma sociedade preconceituosa. Este artefato cultural é um dos mais influentes da comunidade surda, simbolizando as lutas como também algumas vitórias conquistadas pela comunidade surda.

E por fim temos o artefato cultural materiais, que está relacionado com os materiais elaborados pelo homem e que são aderidos ao comportamento cultural dos surdos, auxiliando na acessibilidade cotidiana de vida da pessoa surda, como telefone adaptados para os surdos e campanhas luminosas, entre outras tecnologias inventadas para a melhoria de vida dos surdos. Então para exemplificar:

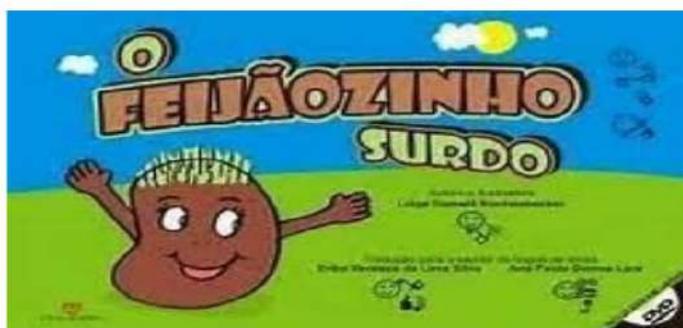
*O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos estão habituados a apelidar de "artefatos" os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não são só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também podem incluir "tudo o que se vê e sente" quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, tais como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.(STROBEL, 2009, p. 37)*

Vimos através de alguns conceitos da escritora Strobel que abrangeram a cultura surda, o povo surdo, comunidade surda e os artefatos culturais do povo surdo, que estamos tratando de um povo com cultura diferente a dos ouvintes, mais que tem a mesma significância e valor. Uma vez que todos estes fatores que foram indagados a respeito dos surdos em todas as peculiaridades que os envolvem, os mesmos são a representação concreta do povo surdo que são orgulhosos de serem surdos, e que apesar de passar por tantas dificuldades para vencer os preconceitos, os mesmos nunca desistiram de lutar pelo seu espaço na sociedade, numa constante luta pelo reconhecimento de seus direitos, cultura, costumes e vontades aceitas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse estudo tece constatações do livro “O Feijãozinho surdo” (2009), da autora Liége Gemelli e intérpretes Erika Silva e Ana Lara (História do Feijãozinho surdo está disponível no anexo deste documento). Essa obra literária é rica em detalhes, tanto no aspecto contextual como ilustrativo. Detalhes estes, que nos proporcionam um melhor entendimento a respeito da cultura do povo surdo e dos seus artefatos culturais, que são ilustrados através do personagem principal desta obra. Assim, como também nos faz enxergar como é importante a Língua de Sinais (Libras) dispor de uma Literatura própria, ou seja, permitir que os surdos tenham o devido acesso a obras escritas especialmente para eles em sua língua materna, a de sinais. (Ver figura 8)

**FIGURA 8:** IMAGEM DO LIVRO O FEIJÃOZINHO SURDO.



Fonte: Associação Brasileira das Editoras Universitárias – ABEU (<http://www.abeu.org.br/farol/abeu/catalogo-unificado/item/editora-da-ulbra/o-feijaozinho-surdo/9683/>).

O livro “O feijãozinho surdo” é classificado como uma obra de literatura infantil bilíngue, pois o mesmo é constituído na escrita da língua portuguesa e na escrita sing writing (escrita de sinais). Esta obra surgiu de um propósito da autora e pedagoga Liége Gemelli, e na preocupação de produzir uma obra em que seus alunos surdos pudessem se identificar. E de fato foi o que aconteceu, a autora relata no texto de apresentação da obra, que ficou encantada com a forma que seus alunos do 3º ano do ensino fundamental, brilharam os olhos ao verem a história e comentaram que passaram pelas mesmas experiências do feijãozinho surdo “personagem principal da obra”.

Assim, é importante salientar que ao analisarmos esta obra percebemos imediatamente que dentro de sua temática há várias passagens que podemos relacioná-las aos artefatos culturais do povo surdo, constituídos através das experiências vividas pelo protagonista desta

narrativa. Desse modo observaremos: o artefato cultural familiar, experiência visual, linguístico, político, e o artefato cultural literatura surda, referenciados no livro “O Feijãozinho surdo”.

Logo no início da narrativa (objeto de análise), constatamos o artefato cultural familiar, ilustrado através do nascimento de uma criança surda, “feijãozinho surdo” em uma família de ouvintes. O que podemos constatar nos trechos: “Papai Feijão e mamãe Feijão namoram, casaram e tiveram um filho...O Feijãozinho! Feijãozinho é surdo! [...] Os pais ficam admirados. – O que está acontecendo com nosso filho? [...]” (KUCHENBECKER, 2009, p. 6-10). Ao analisarmos observamos um dos aspectos do artefato cultural familiar, representado pelo nascimento do Feijãozinho surdo em uma família de ouvintes. Que trazendo da ficção para a realidade, de acordo com Strobel (2009), muitas das vezes esta experiência traz frustrações a famílias ouvintes que esperam e desejam durante toda a gravidez seus filhos “perfeitos” de acordo com que é “perfeito” perante a sociedade ouvinte. Conforme Strobel indaga algumas experiências familiares dentro do artefato cultural familiar.

[...] nas famílias ouvintes, durante a gravidez, fantasiam que o filho esperado é o mais bonito, perfeito, inteligente e ouvinte. Quando nasce um bebê, os membros da família brincam, conversam e vivenciam todo o amor sentido por ele. [...] Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de “cura” dessa “deficiência” ficam ansiosas e questionam será que o meu filho surdo um dia ouvira? (STROBEL, 2009, p.49-50)

Essa tentativa das famílias ouvintes buscarem ou desejarem a cura para seus filhos surdos e não permitirem que os mesmos tenham acesso à cultura surda no intuito de que o contato dessa criança surda apenas com a cultura, costumes e língua dos ouvintes poderá um dia curá-la, é uma postura totalmente equivocada dos pais. Pois é de suma importância, que esses pais ouvintes cujos filhos são surdos entendam que é de grande relevância que as crianças surdas tenham o devido acesso a comunidades, costumes, experiências surdas e principalmente o contato imediato com a língua de sinais, uma vez que a mesma é o meio de comunicação primordial dos surdos. Assim como é importante que os pais ouvintes e familiares da criança surda procurem conhecer e se aprofundar a respeito da cultura surda para auxiliar esta criança em seu processo de desenvolvimento interacional social.

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém

pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas. (LABORITT, 1994, p. 59)

Cabe salientar que tratando de uma criança surda que nasça em uma família surda, esta criança será entendida como uma dádiva e presente de Deus, devido ao orgulho que os surdos têm de serem surdos, pois os mesmos irão compartilhar dos mesmos costumes, língua, hábitos, cultura e experiência, facilitando todo processo sociocultural dos surdos desta família. E voltando para obra discutida, é importante ressaltar que os pais do Feijãozinho surdo seriam um exemplo de pais ouvintes, que apesar de serem pais ouvintes de uma criança surda, permitem que o filho surdo participe dos aspectos culturais do povo surdo.

Analisaremos agora outro trecho do livro “O Feijãozinho surdo” que nele veremos inserido o Artefato cultural experiência visual, vejamos o trecho a seguir: “Ele não para de mexer a mãos e os braços! Ele é diferente – Mamãe Feijão diz [...] Triste e sozinho, Feijãozinho ficou olhando para terra” (KUCHENBECKER, 2009, p. 10-13). Neste trecho podemos observar a frustração do personagem Feijãozinho em sua primeira experiência visual, ao ver que sua tentativa de comunicar-se com seus pais foi sem êxito algum, percebendo assim que era diferente de seus pais e que sua percepção de mundo era através do aspecto visual. Esta experiência vivida pelo personagem Feijãozinho representa muitas das experiências reais vivida pelos surdos do mundo real, no qual estas experiências são indagadas no artefato cultural experiência visual, onde a autora Karin Strobel relata algumas das suas próprias experiências surdas dentro deste artefato:

Eu estava sentada em sala de aula, em uma classe com outros alunos ouvintes “brilhando” distraidamente para os movimentos dos lábios da professora que estava falando; de repente, a professora parou subitamente de movimentar os lábios e virou o rosto assustado para a janela. Percebi que toda a turma fazia o mesmo e todos correram para olhar pela janela. Eu, meio desnorreada e curiosa, fiz o mesmo para ver o que provocou toda a algazarra da turma e percebi tardiamente que tinha acontecido uma batida de carro lá fora. (2009, p. 39)

Através das experiências visuais, tanto a do personagem principal da obra como da autora Strobel, nos fazem refletir sobre as frustrações e dificuldades que o povo surdo sofre dentro da cultura ouvinte. Dessa forma, é muito importante a ressalva que é fundamental que a pessoa surda tenha o devido acesso a comunidades surdas, a pessoas das comunidades surdas, a escolas surdas, como também é fundamental que seus familiares ouvintes procurem conhecer a cultura surda, e que aprendam a língua de sinais o que é imprescindível para o processo de desenvolvimento social do surdo. Pois o povo surdo tem uma forma diferente de

ver o mundo, os costumes, hábitos, a maneira pela qual entendem e interpretam as coisas, sua cultura, são diferentes dos ouvintes, pois, para os surdos o mundo é interpretado através de seus olhos. Como podemos comprovar segundo o que a escritora Strobel enfatiza no artefato cultural experiências visuais:

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: deste os latidos de um cachorro - que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corporal-facial bruta - até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações corridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge. (2009, p. 39)

É importante salientarmos que apesar de os surdos passarem por algumas frustrações, devido que sua percepção de mundo é diferente a dos ouvintes, os mesmos são orgulhosos de suas origens, cultura e forma de ver e interpretar o mundo.

Agora abordaremos o artefato cultural linguístico contido dentro da narrativa em questão, no qual podemos observar no trecho: “A fada Feijão fez a mágica da língua de sinais. De repente, Feijãozinho começou a sinalizar” (KUCHENBECKER, 2009, p. 16). Aqui vemos neste trecho um dos aspectos enfatizados também no artefato cultural linguístico, que refere-se a importância da criança surda aderir a aquisição da língua de sinais nos primeiros anos de vida. Pois o Feijãozinho surdo rapidamente começou a sinalizar através da mágica feita pela sua fada madrinha. O que trazendo para a realidade, esse trecho em que a mágica da fada Feijão faz com o Feijãozinho aprenda a língua de sinais, nos mostra que a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade surda e é fundamental que toda criança surda tenha o acesso a mesma. Pois de acordo com a escritora Strobel, dentro do artefato cultural linguístico do povo surdo

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (2009, p. 44)

E caso a criança surda não tenha acesso a sua língua nos seus primeiros anos de vida, atrasará seu processo de aquisição da linguagem e limitará acesso aos conhecimentos e informações externas. Pois as primeiras fases da linguagem da criança surda, é bem parecida com as primeiras fases da criança ouvinte.

Quando um bebê nasce surdo, ele desenvolve inicialmente as mesmas fases de linguagem que o bebê ouvinte: grito de satisfação, choro de dor e fome, emite sons sem significados até mais ou menos seis meses de idade e quando chega a fase de balbúcio é que começa a ser diferenciado um do outro. Porque o bebê ouvinte, podendo ouvir os sons do ambiente ao redor de si tenta se comunicar emitindo sons, enquanto o bebê surdo, não ouve sons do ambiente e, por isto, as primeiras "palavras não surgem. Conseqüentemente fica com a aquisição da linguagem atrasada e limitada por falta de continuidade e acesso aos conhecimentos e informações externas. (STROBEL, 2009, p. 45)

Os surdos que crescem sem a aquisição da língua de sinais e longe das comunidades surdas, possuem seu próprio jeito de comunicação, criam sinais que ilustram seu cotidiano, chamados de emergentes ou caseiros. Por exemplo, a autora Strobel traz no artefato cultural linguístico, um exemplo de surdo morador da zona rural que nunca teve acesso a língua de sinais. Vejamos este exemplo:

Um sujeito surdo em zona rural, isolado da comunidade surda e que nunca aprendeu a língua de sinais, a falar ou escrever, sem ter a noção de horas e dias de semana, observa ao seu redor que tem um dia da semana em que as frutas sempre são colhidas, o dia certo de ir a igreja, os dias em que o caminhão vem pegar o lixo e de quando o sol aparece no horizonte e a hora de ordenhar e pegar ovos, etc. Ele acompanha esta rotina de acordo com o seu "olhar" do dia-a-dia de sua vida e cria sinais que representam seu cotidiano. (2009, p. 44)

O que cabe informar, é que os surdos que estão inseridos em comunidades surdas e tem acesso à língua de sinais, sem dúvidas, construirão uma identidade sadia, com autoestima e segurança. O que nos faz ressaltar ainda mais, é que é fundamental que os pais ouvintes ou pais surdos procurem inserir seus filhos surdos em comunidades surdas ainda em seus primeiros anos de vida, para que os mesmos tenham contatos com outros surdos vivenciando e praticando a cultura surda e a língua de sinais.

Outro artefato que podemos analisar, é o político, este artefato é ilustrado dentro da narrativa através do personagem Feijãozinho, quando descobre por intermédio da personagem fada que o mesmo pode e deve ser inserido numa escola com intérpretes da língua de sinais, ou em uma escola com professores de Libras e com alunos surdos. O que podemos constatar nos trechos em destaque:

A fada Feijão explica para os pais que o Feijãozinho é surdo e precisa de uma escola onde possa ser compreendido na sua língua [...] A fada Feijão sobrevoou a terra dos feijões e encontrou duas escolas: uma escola com feijões ouvintes e intérprete em língua de sinais [...] E outra escola, com todos os feijões surdos e professores que sabem a língua de sinais. (KUCHENBECKER, 2009, p. 20-24)

Este trecho, representa um dos mais importantes artefatos culturais do povo surdo, pois o artefato cultural político aborda toda a luta do povo surdo pelos seus direitos. Direitos estes, reivindicados constantemente e arduamente pela associação dos surdos existente desde o século XVIII, estas organizações reúnem os líderes surdos no intuito de lutar juntos pelos direitos judiciais e de cidadania do povo surdo. Assim, ao analisarmos o trecho em destaque, vemos de forma implícita o resultado das lutas do povo surdo conquistando mais de seus direitos, o direito a educação diferenciada e direcionada a cultura surda. Conforme o artefato cultural político segundo Strobel:

O povo surdo luta pela pedagogia surda que parte de um "olhar" diferente direcionado em uma filosofia para educação cultural. Em que a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado em contato com sua diferença para que aconteça a subjetivação e as trocas culturais. (2009, p. 73)

Ainda tratando do trecho em análise, a personagem “fada Feijão” encontra duas escolas para o Feijãozinho surdo, uma escola de ouvintes mais que possui intérpretes da língua de sinais e outra escola de surdos com professores que podem ser surdos ou fluentes em Libras. Aqui podemos fazer referência à importância com que o este artefato cultural político dos surdos indaga sobre a relevância que tem, na criança surda ter contato com um professor surdo e também a frustração da criança surda em contato apenas com um professor ouvinte. Uma vez que Strobel ressalta no artefato cultural do povo surdo:

Em termos pedagógicos, o professor surdo em sala de aula é muito importante, porque a criança surda mira o professor surdo, ela se sente refletida nesse professor, ela sabe que, se esse professor chegou lá, ela também pode chegar. Com relação ao professor ouvinte, a criança surda tem uma grande dificuldade de se identificar numa perspectiva de futuro. Então essa criança se sente excluída no processo de formação de sua própria identidade. O professor surdo pode ser o modelo de como nós, surdos, precisamos ser, em termos linguísticos e culturais. (2009, p.74)

Ou seja, é de extrema relevância que a criança surda, assim como personagem Feijãozinho surdo seja apresentada a uma escola com professores surdos ou fluentes na língua de sinais, no intuito que esse professor represente para criança surda um modelo e representatividade da identidade surda.

E por fim analisaremos o livro “O Feijãozinho surdo” como um todo, referenciando-o ao *Artefato cultural literatura surda*. Pois através do que já foi explícito e indagado desde o começo deste capítulo, o documento em análise trata-se de uma literatura surda importantíssima para a identidade surda, que através da história do personagem Feijãozinho surdo podemos constatar várias experiências vivida pelo o mesmo, que realmente são comuns

às experiências reais do povo surdo. Uma vez que a literatura surda tem esse propósito de traduzir as memórias das vivências surdas representando uma identidade cultural surda. Conforme Karnopp enfatiza a respeito do Artefato cultural literatura surda: “[...] utilizamos a expressão "literatura surda" para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]” (1989, p. 102). Essas características de identidade surda, estão bem explícitas na obra em análise, pois temos elementos contidos que comprovam essa identidade surda dentro da obra, tais como: a língua de sinais presente na narrativa, sendo na modalidade escrita através do texto também escrito na escrita de sinais, a história do personagem principal da obra desde o seu nascimento dentro de uma família ouvinte, a experiência de sua primeira experiência visual na tentativa de produzir um sinal e a frustração por não ser compreendido pelos seus pais ouvintes, a aquisição da língua de sinais que foi um presente dado por sua fada madrinha, como também a fada mostrar enfatizando que existem escolas com interpretes nos fazendo lembrar das escolas inclusivas e escolas com professores fluentes na língua de sinais, nos lembrando as escolas bilíngues retratando assim que a metodologia mais adequada para o surdo, é o bilinguismo, onde temos o uso da língua de sinais como língua de instrução e o português na modalidade escrita.

Todas estas características abordadas nos trechos descritos comprovam que estamos tratando de uma obra literária que ilustra a identidade e cultura surda representada através dos vários artefatos culturais do povo surdo. Assim, no artefato cultural literatura surda, Strobel ressalta que:

A literatura surda refere-se as várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (2009, p. 56)

Dessa forma, vale indagar que literatura surda sempre existiu na vida do povo surdo desde os tempos mais longínquos, no qual os surdos contavam em língua de sinais suas histórias, experiências, frustrações, valores e orgulho da cultura surda. Estas histórias foram passadas de geração e geração constituindo um vínculo com as gerações surdas mais jovens, contribuindo para a formação de novas identidades surdas.

Assim, estas histórias e experiências surdas passaram a ser registradas inicialmente em CD-ROM, vídeos e DVD, que na atualidade são preciosas fontes de pesquisas de estudiosos surdos e ouvintes em universidades. Devido a isto, deu-se a existência deste artefato cultural literatura surda. E assim como foi salientado no capítulo “Literatura Surda”, conforme as

novas tecnologias dos tempos atuais foram sendo desenvolvidas, percebemos as obras traduzidas, adaptadas e criadas. Obras literárias surdas que além de estarem contidas nas histórias da identidade surda, também possuem presente a língua de sinais possibilitando ao surdo à aquisição de sua língua materna por intermédio da literatura.

E foi assim que surgiu o livro “O Feijãozinho surdo”, cuja obra literária surda foi especialmente criada para os alunos surdos da autora e pedagoga Liége Gemelli no intuito de proporcioná-los uma história que os mesmo pudessem vê-los refletidos nas experiências do personagem *Feijãozinho*, onde o mesmo passa por frustrações que com certeza já foram vividas pelos surdos do mundo real, como também as alegrias interpretadas por este personagem em descobrir que existem outros iguais a ele com identidades e cultura próprias, possibilitando-o seguir com uma vida normal e feliz.

Assim, em suma, podemos ressaltar que a obra objeto de análise é um documento de extremo valor para a comunidade surda e para o povo surdo, uma vez que nela há várias referências contidas em sua temática que relatam cinco dos mais importantes *Artefatos culturais do povo surdo desmistificando assim a cultura e identidade surda*. Dessa forma, representando de maneira bastante significativa e positiva a cultura surda, nos termos político, familiar, experiencial, literário e por último linguístico, pois vale ressaltar mais vez que a Língua de sinais é a maior forma identidade representativa do povo surdo.

## 5 CONCLUSÃO

Ao finalizar constatamos, que os objetivos tanto almejados e arquitetados do início desta pesquisa foram alcançados com êxito. Pois através de horas de estudos e pesquisas para fins deste documento, coletamos e absorvemos tudo que foi possível de informações referentes às peculiaridades do povo surdo, no intuito de proporcionar ao leitores deste texto maior familiaridade com a história de um povo cheio de garra e de uma identidade cultural magnífica, no qual terçemos a importância da literatura surda enquanto artefato cultural do povo surdo, como também salientamos sobre aquisição da língua de sinais como um artefato importantíssimo da identidade surda, entre tantos outros aspectos que englobam todo povo surdo.

Assim, acreditamos que após a existência desta pesquisa que somado a outras que abordam essa mesma temática de valorização da cultura surda e os artefatos culturais do povo surdo, a mesma será de grande relevância para o mundo acadêmico pelo fato de existir poucos trabalhos científicos conduzidos a desmistificar deste assunto tão pouco articulado. Também queremos salientar que a importância de compor um trabalho deste cunho está em causar uma visibilidade maior para o povo surdo e sua cultura tão exuberante.

Em suma, foi possível através desta pesquisa perceber que o povo surdo tem crenças, costumes, hábitos, valores, e cultura diferente a dos ouvintes, o que não os fazem inferiores ou anormais, muito pelo contrário, só pelo simples fato deste povo possuir uma cultura tão diferenciada a dos ouvintes e tão cheia de particularidades é que faz com que o povo surdo seja tão fascinante. Assim, será de suma relevância que as academias com apoio governamental valorizem os eventos, palestras, exposições de trabalhos, que englobem e manifestem os artefatos culturais do povo surdo e sua cultura. E que, nasçam, apareçam, criem, produzam e desenvolvam muitas outras obras enriquecedoras iguais “O Feijãozinho surdo” que é uma das obras de grande representatividade da identidade e cultura surda.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. R. S. **A Língua Brasileira de Sinais como inclusão social dos surdos no sistema educacional**. Polyphonia, v. 22/1, jan./jun. 2011, p.177.

BATTISTI, S.R. **Outra forma de se comunicar**. Universidade Federal de Santa Maria: Revista Arco. 2016. Disponível em: <[http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id\\_Noticia=371](http://coral.ufsm.br/arco/Digital/Noticia.php?Id_Noticia=371)>. Acesso em 22 de maio de 2018.

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. **Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília (DF), 25 abril. 2002. Disponível em: <<http://www.dicionariolibras.com.br/website/artigo.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id=784>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

CHAPEUZINHO VERMELHO. Blog Portfólio de Atividades Letícia Friedrich. Disponível em: <<http://blogdaleticiafriedrich.blogspot.com.br/2016/06/chapeuzinho-vermelho.html>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

COELHO, Nelly. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, p. 21.

FERREIRA, A. B. H. **O minidicionário da língua portuguesa**. 5º ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001, p. 180-586.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HISTÓRIA DOS 3 PORQUINHOS EM LIBRAS. Portal Ensinar a Aprender. Disponível em: <<http://ensinar-aprender.com.br/2011/05/historia-dos-3-porquinhos-em-libras.html>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592, 2006.

\_\_\_\_\_. **Produções Culturais de Surdos: análise da literatura surda.** IN: Cadernos de Educação. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, 2010.p. 155-174.

KLIMSA, S. B. F.; KLIMSA, B. L. T. **Sistema Signwriting de grafia das Línguas de Sinais: Desafios do ensino-aprendizagem em ambientes virtuais.** Universidade Federal de Pernambuco NEHTE / Programa de Pós Graduação em Letras CCTE / Programa de Pós Graduação em Ciências da Computação. 2006, p. 05.

KLIMSA, S. B. F; KLIMSA, B. L. T.; SAMPAIO, M. J. A. **Escrita em sinais I.** Universidade Federal de Pernambuco NEHTE. 2006, p. 267.

KUCHENBECKER, L. G. **O Feijãozinho Surdo.** Literatura Infantil. Tradutoras: Erika Vanessa de Lima Silva e Ana Paula Gomes Lara – Canoas: Ed. ULTRA. 2009.

LABOMIT, E. **O vão da gaivota.** São Paulo: Best Seller - Círculo do Livro, 1994.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais.** Universidade Católica. Editora, Lisboa, 2011, p. 21.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social.** Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PRONOMES. Portal Libras Poços de Caldas. Disponível em:  
<<http://libraspocosdecaldas.blogspot.com.br/2016/12/pronomes.html>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

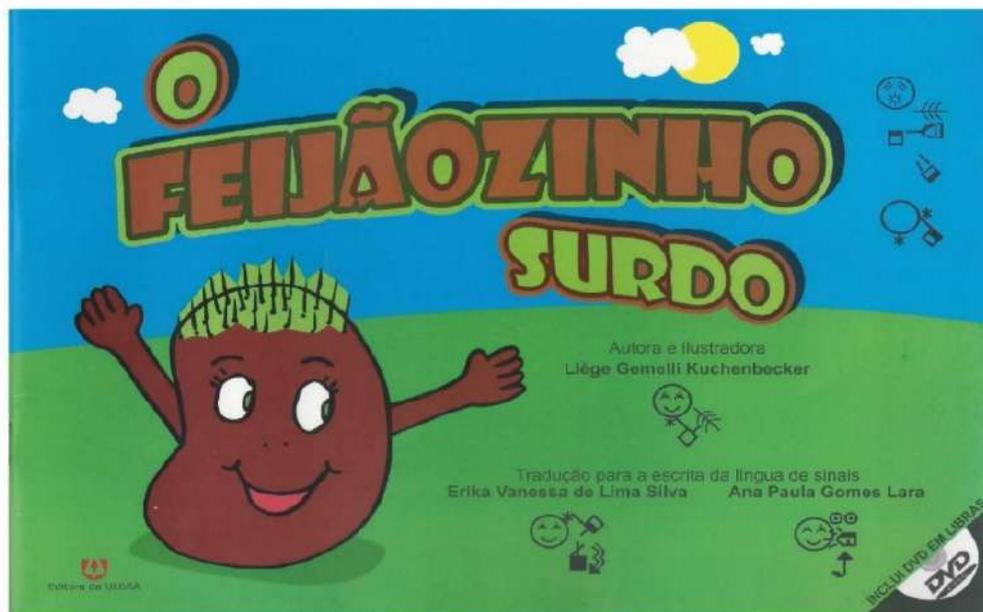
QUADROS, R. M. **Idéias para ensinar português para alunos surdos/Schmiedt.** – Brasília: MEC, SEESP, 2006, p. 20-120.

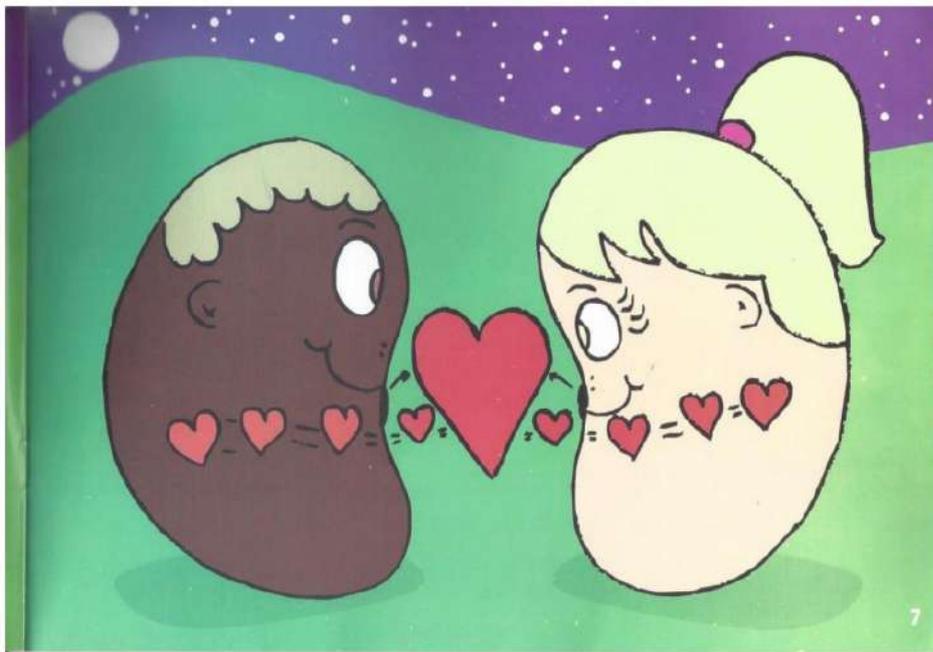
QUADROS, C. R. **Língua de sinais instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.

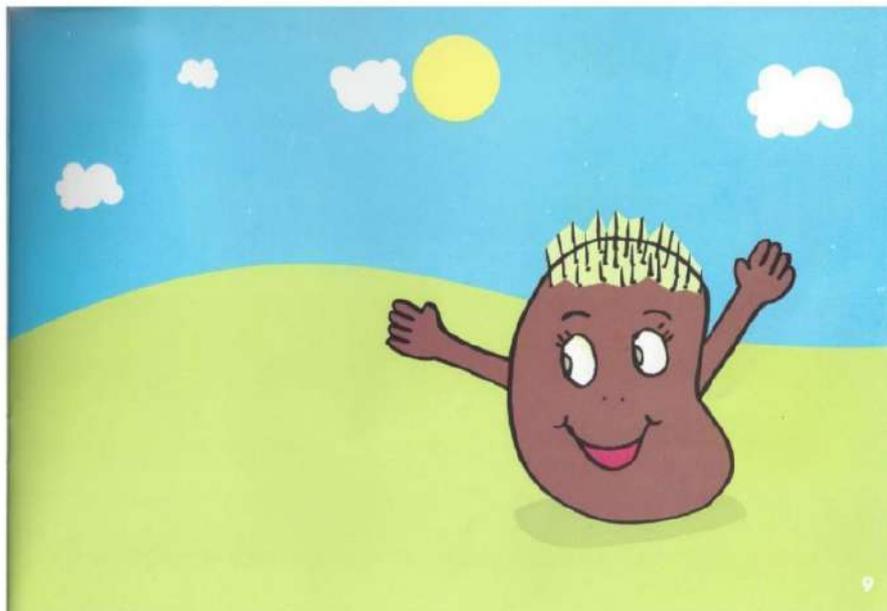
SANTOS, A.B. **Gênero Digital: a literatura surda em questão.** Ciberpub, ISSN 2317-1588. 2015. Disponível em<<http://www.ciberpub.com.br/ciberpub/genero-digital-a-literatura-surda-em-questao/>>. Acesso em 22 de maio de 2018.

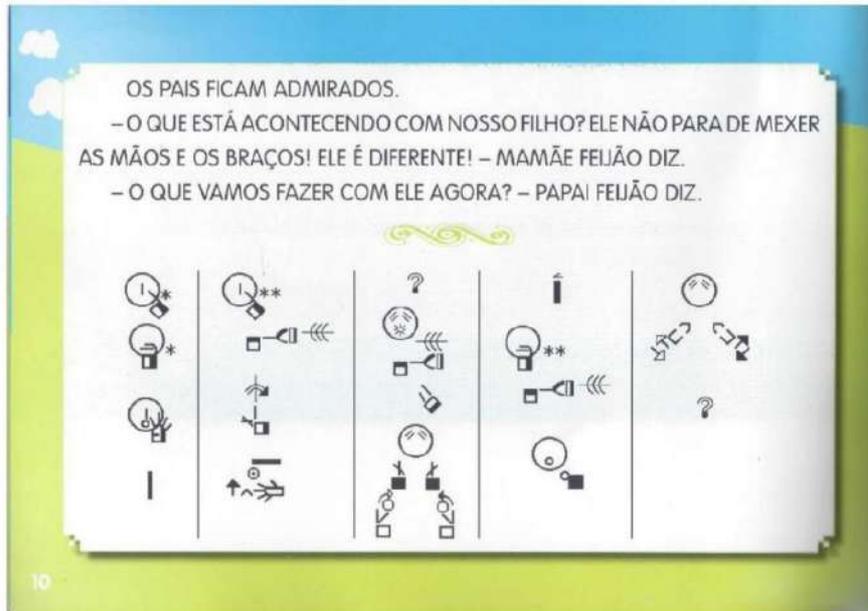
STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

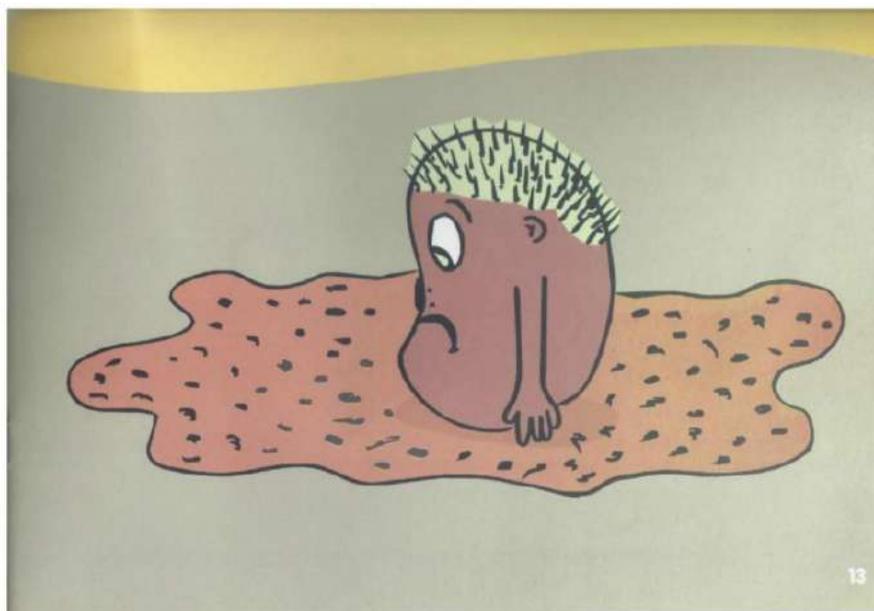
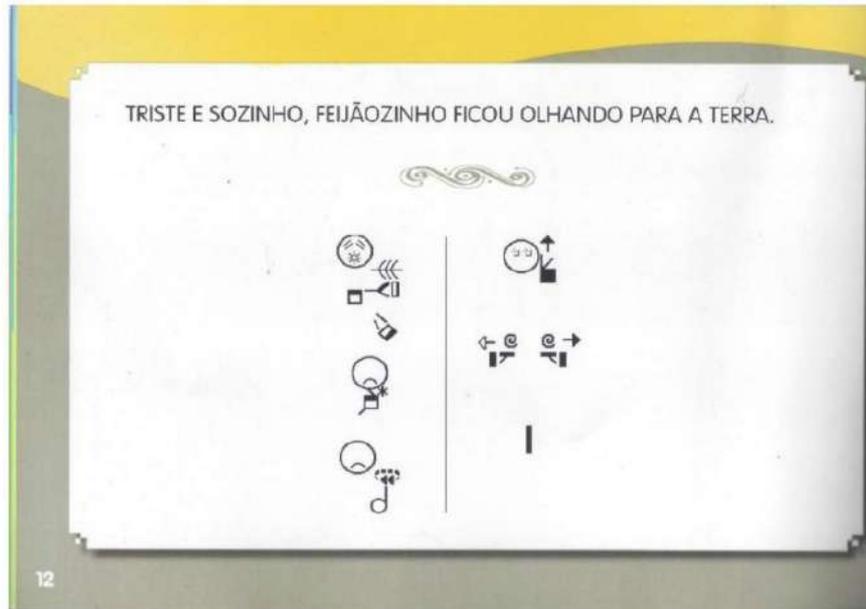
ANEXO A – HISTÓRIA DO FEIJÃOZINHO SURDO

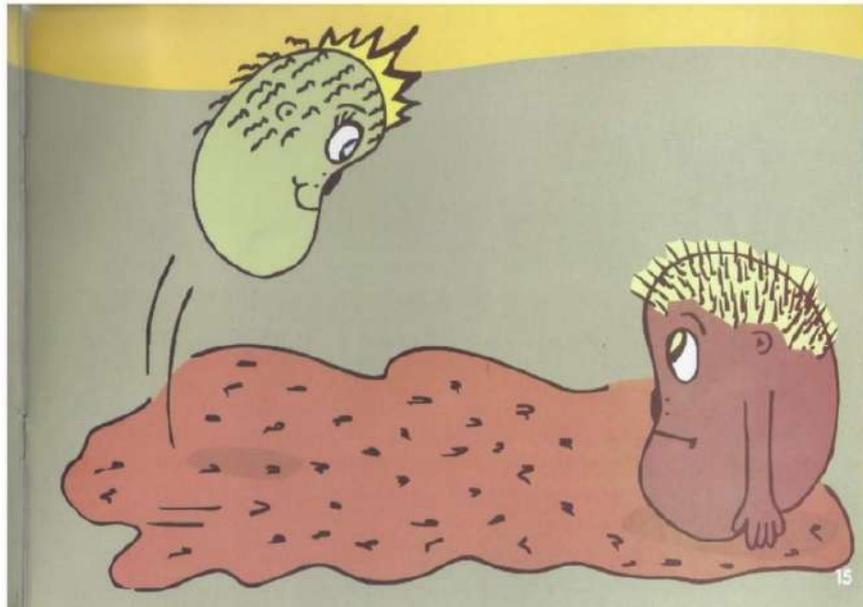
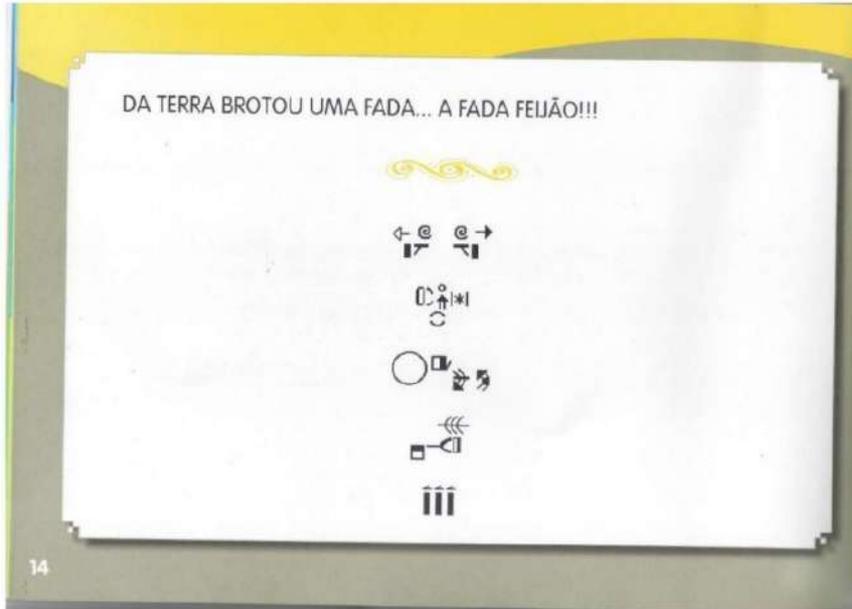




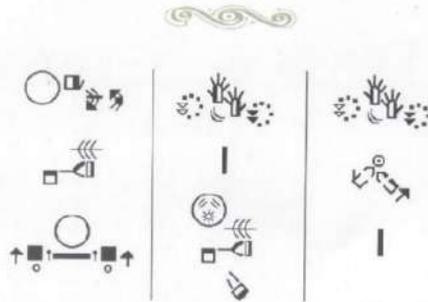




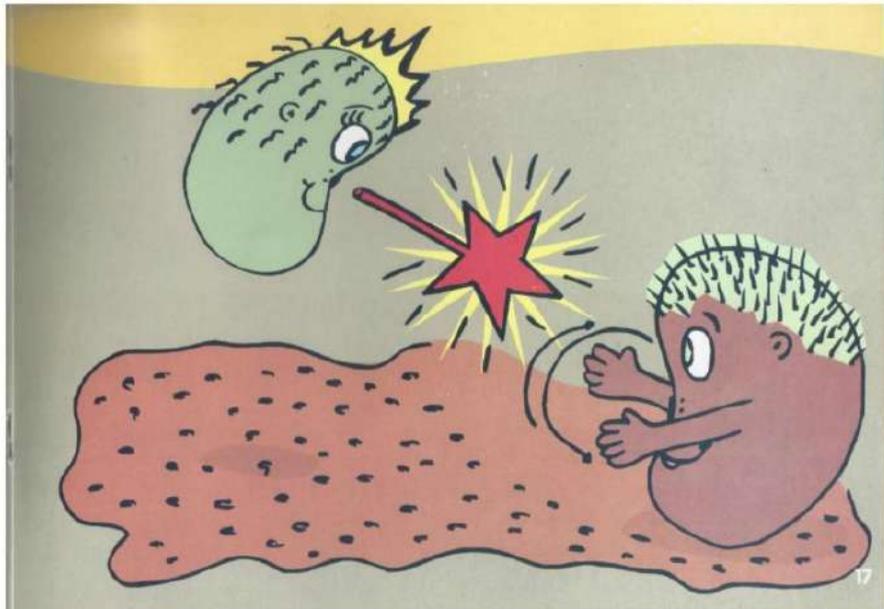




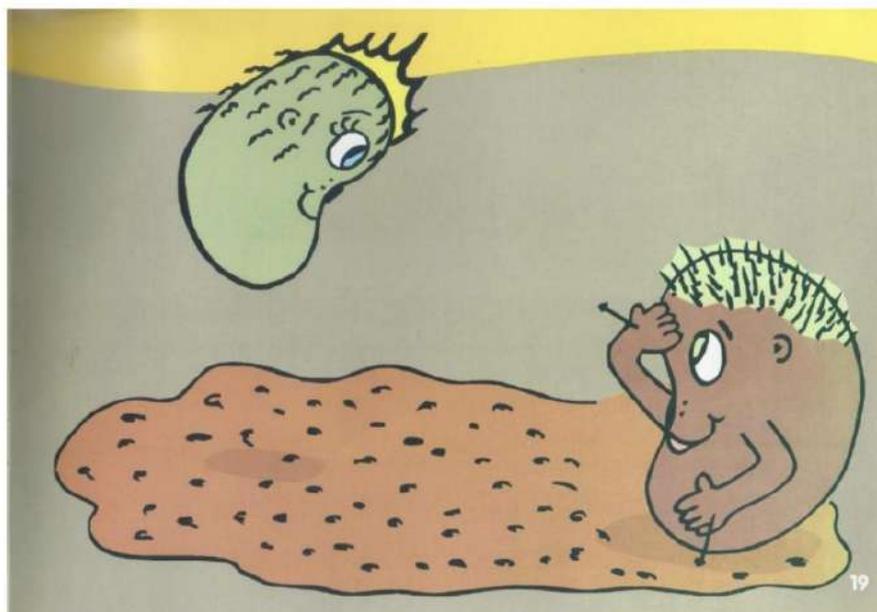
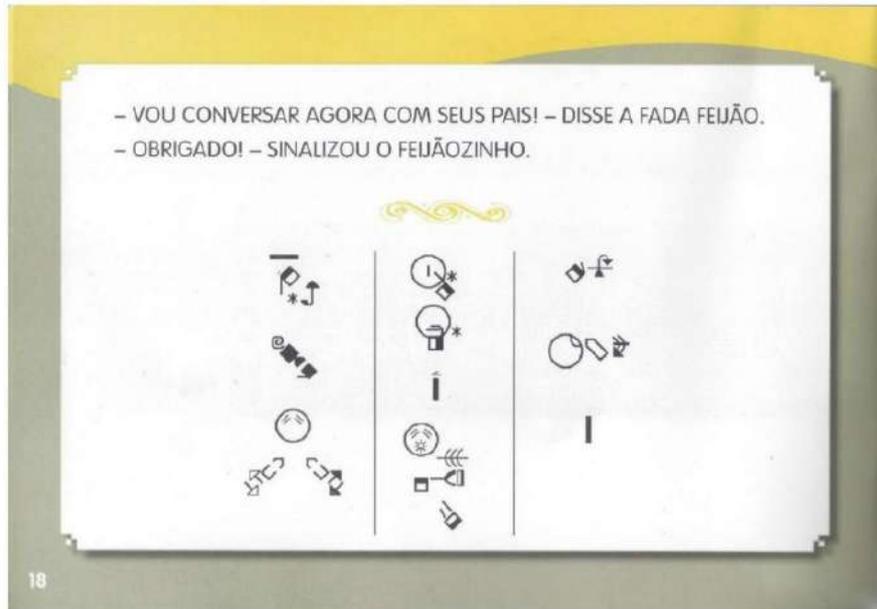
A FADA FEIJÃO FEZ A MÁGICA DA LÍNGUA DE SINAIS. DE REPENTE, FEIJÃOZINHO COMEÇOU A SINALIZAR.

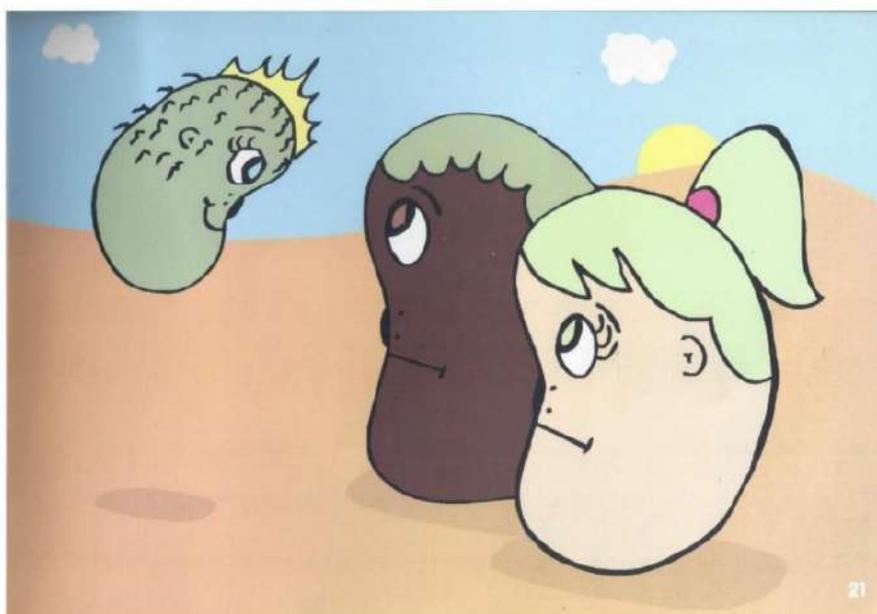
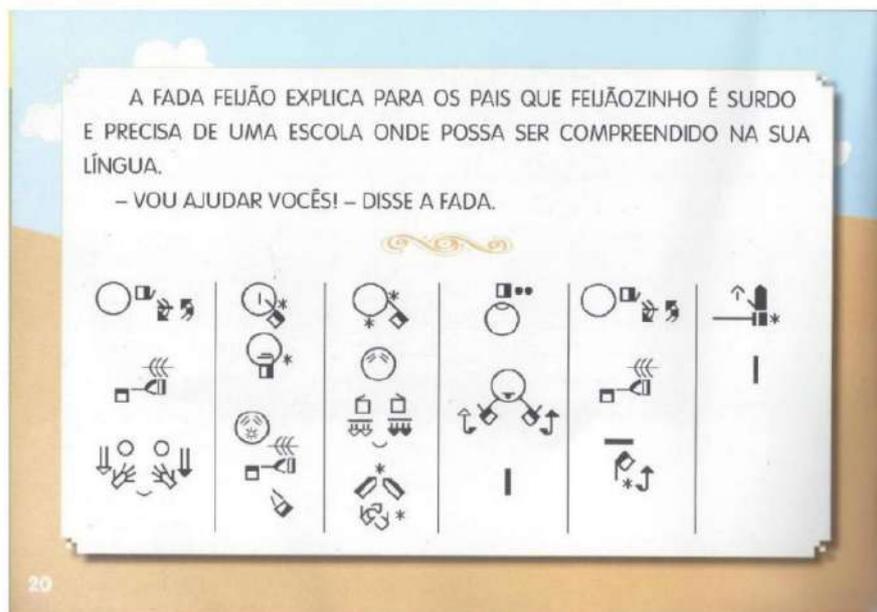


16

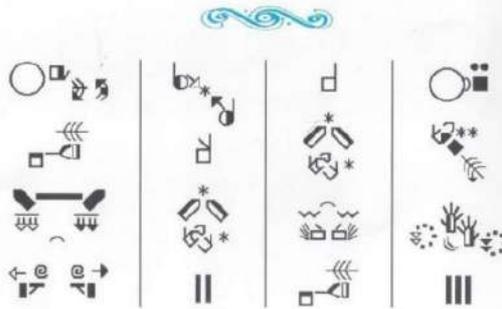


17





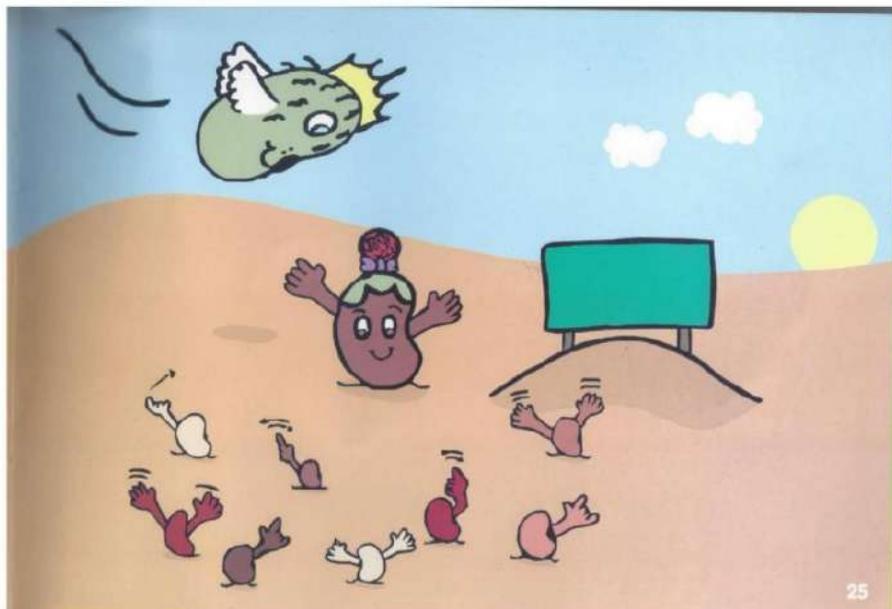
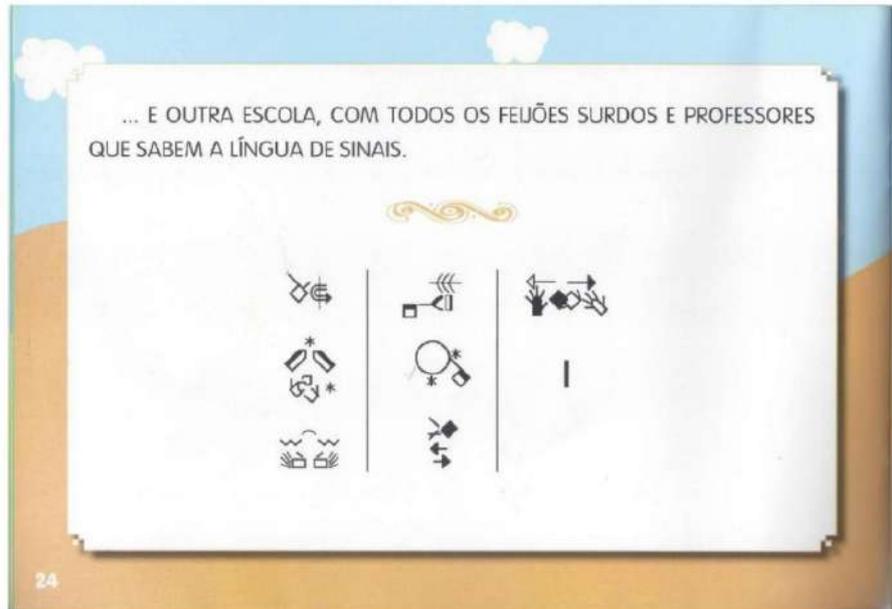
A FADA FEIJÃO SOBREVIOU A TERRA DOS FEIJÕES E ENCONTROU DUAS ESCOLAS: UMA ESCOLA COM FEIJÕES OUVINTES E INTÉRPRETES EM LÍNGUA DE SINAIS...



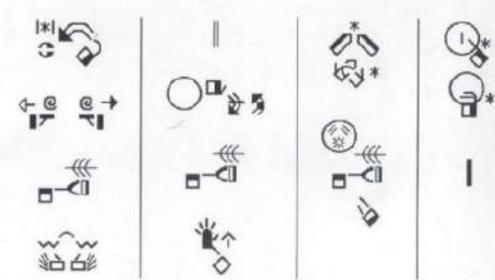
22



23



VOLTANDO DA VIAGEM PELA TERRA DOS FEIJÕES, A FADA FEIJÃO APRESENTA AS ESCOLAS PARA O FEIJÃOZINHO E SEUS PAIS.



26



